

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA  
CIÊNCIAS SOCIAIS

Marcella Trindade Ribas

A dupla função da escola enquanto reguladora e integradora: discursos sobre o papel da  
escola durante a pandemia de Covid-19

Florianópolis

2022

Marcella Trindade Ribas

A dupla função da escola enquanto reguladora e integradora: discursos sobre o papel da escola durante a pandemia de Covid-19

Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Sociais  
Orientador: Prof. Rafael Leite Mantovani, Dr.

Florianópolis

2022

## Ficha de identificação da obra

Ribas, Marcella Trindade

A dupla função da escola enquanto reguladora e integradora : discursos sobre o papel da escola durante a pandemia de Covid-19 / Marcella Trindade Ribas ; orientador, Rafael Leite Mantovani, 2022.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Pandemia de Covid-19. 3. Saúde Mental. 4. Aprendizagem. 5. Neoliberalismo. I. Mantovani, Rafael Leite. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Marcella Trindade Ribas

A dupla função da escola enquanto reguladora e integradora: discursos sobre o papel da escola durante a pandemia de Covid-19

Este Trabalho Conclusão de Licenciatura foi julgado adequado para obtenção do Título de licenciada e aprovado em sua forma final pelo curso Ciências Sociais

Florianópolis, 21 de março de 2022.

---

Prof. Rodrigo da Rosa Bordignon Dr.  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Rafael Leite Mantovani, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profª Sandra Caponi, Dra.  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Isaura Wayhs Ferrari, Me.  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esta pesquisa à minha tia-avó Doralina Alves Ribas, *in memoriam*. Sou grata por não teres medido esforços sobre minha educação e grata pelo vasto capital cultural que incentivastes a meu pai e a mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a meus pais, pela força e incentivo durante o turbulento percurso da escrita deste trabalho. Vocês não soltaram a minha mão em nenhum momento. A meu orientador, Dr. Rafael Mantovani, pelas conversas leves e pela paciência no meu demorado processo de concluir essa etapa. Meus sinceros agradecimentos por, desde o primeiro contato em aula remota, ter acreditado em mim e na minha capacidade intelectual e por toda inestimável contribuição em minha formação acadêmica. Minhas amigas, Bárbara e Isaura, pelos ensinamentos acadêmicos e paciência por me aturar todas as vezes (e não foram poucas) que pensei em desistir. Taís, amiga, obrigada por tornar meus dias mais leves. Arthur, meu companheiro, tua paciência e cuidado foram imprescindíveis para que eu pudesse concluir mais uma etapa.

Paciência.

“Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti” (NIETZSCHE, 1977)

## RESUMO

O trabalho busca analisar os discursos sobre os papéis da escola durante a pandemia, por um lado, como instituição responsável pela formação de crianças e adolescentes para o mercado de trabalho e, de outro, como integradora de indivíduos em uma comunidade. Este último aspecto foi suprimido em decorrência da pandemia, ao passo que os aspectos que geram competição e desagregação se mantiveram. Tendo como base a teoria das correntes suicidógenas de Émile Durkheim (1897), desenvolve-se uma pesquisa qualitativa de análise de conteúdo e discurso em relação a 209 notícias coletadas sobre escola e aprendizagem, saúde mental e pandemia, veiculadas pelo jornal *A Folha de São Paulo*. Os resultados demonstram que os temas de escola/aprendizagem e saúde mental aparecem quase com a mesma regularidade, embora ainda haja maior ocorrência de temas relacionados à preocupação com a escola e aprendizagem. Conclui-se que prevalece o discurso sobre a importância de conteúdos e do desenvolvimento para o mercado de trabalho para crianças e adolescentes em idade escolar, o que evidencia a maior preocupação com o desempenho dos estudantes. O tema da saúde mental apresenta significância ao longo da análise das notícias, ressaltando a sua importância em relação ao desenvolvimento emocional das crianças e adolescentes. Entretanto, ainda pode ser considerada de menor relevância quando comparada aos interesses educacionais de tendências neoliberais contemporâneas em nossa sociedade.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19. Saúde Mental. Aprendizagem. Neoliberalismo.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the narratives on the roles of the school during the pandemic, primarily, as an institution responsible for the development of children and teenagers as future members of the working class. However, this research also aims to look at the regular school as an institution that turns young people into active, politicized parts of their communities. Throughout the analysis, it was noticed that this latter aspect was suppressed as a result of the pandemic, while the aspects that generate competition and disaggregation remained. Based on Émile Durkheim's theory of suicidal currents (1897), a qualitative analysis on content and discourse analysis was carried out in relation to 209 collected news about school and learning, mental health and pandemic, published by the newspaper *A Folha de São Paulo*. The results show us that the themes of school/learning and mental health appear almost with the same regularity, although there is still a greater occurrence of themes related to the concern with school and learning. One possible conclusion is that the discourse on the importance of market-based content and development of school-age children and adolescents as future workers prevails, highlighting the greater concern with student performance with less concern in relation to their participation as active members of their communities. The condition of the students' mental health is presented as significant throughout the analysis highlighting its importance on the development of young people's emotional growth, but it can be considered less important than the educational interests of contemporary trends in our society.

Keywords: Covid-19 Pandemic. Mental Health. Learning. Neoliberalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico referente aos códigos em notícias selecionadas	34
Figura 2: Gráfico de associação entre os temas escola/aprendizagem e saúde mental	35
Figura 3: Gráfico de fragmentos de textos selecionados sobre os temas	37
Figura 4: Fragmentos de texto selecionados em notícias	39

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Frequência de códigos utilizados

33

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

COVID-19 – Corona Vírus Disease

ERE – Ensino Remoto Emergencial

EaD – Ensino a Distância

MEC – Ministério da Educação

MOM – Media Ownership Monitor

IVC – Instituto Verificador de Comunicação

PVs – Páginas Vistas

AIDS – Acquired Immunodeficiency Syndrome/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

SEB – Sistema de Ensino Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 O PAPEL DA MÍDIA COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA</b>	<b>21</b>
<b>3 MAPA DOS SOFRIMENTOS HUMANOS EM ÉMILE DURKHEIM: O SUICÍDIO</b>	<b>25</b>
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>32</b>
5.1 Dupla função da escola versus saúde mental no jornal A Folha de São Paulo	32
5.2 Escola e aprendizagem versus Saúde mental	33
5.3 Fragmentos/segmentos de texto	37
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>47</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Em dezembro de 2019 foram noticiadas as primeiras informações acerca da transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2) em Wuhan, na China. A propagação desse novo vírus ocasionou a emergência da doença Covid-19 (*Corona Virus Disease*) que, em poucos dias foi disseminada pelos continentes, acarretando internações, mortes e criando pânico generalizado. No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi detectado em meados de fevereiro de 2020, fazendo com que o país aderisse, em partes e com muito debate público, às políticas de isolamento a partir de março do mesmo ano.

Por se tratar de um vírus desconhecido, diversos países aderiram ao isolamento social e distanciamento físico a fim de prevenir a disseminação e a transmissão através das vias respiratórias ou superfícies de contato, uma vez que a infecção<sup>1</sup> ocasionada pelo coronavírus apresenta um índice de contágio muito elevado, sem tratamento precoce, não havendo evidências de tratamento através de medicamentos, além de ainda existirem grandes interrogações em relação às sequelas que podem se manifestar. Tais medidas impulsionaram remodelamentos sociais, diminuindo o contato social e físico, fomentando diferentes formas de trabalho e o ensino remoto emergencial – conversão frequentemente vista como desafiadora ou problemática por diferentes acadêmicos e gestores públicos do campo educacional –, que foram implementados através das diversas tecnologias desenvolvidas até e durante este período.

Há consideráveis distinções entre o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e a Educação à Distância (EaD) na área da educação: isso quer dizer que, apesar das semelhanças, não são sinônimos. Para que exista a Educação a Distância (EaD), segundo Rodrigues (2020), é preciso que se desenvolva todo um amparo a essa modalidade, desde o planejamento até a efetivação de uma disciplina ou um curso, a partir de concepções teóricas, metodologias e especificidades, que sustentam essa modalidade de ensino, desde sua teoria até a prática de suas atividades. Já em relação ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), Behar (2020) traz o termo “remoto” como distanciamento geográfico, ou seja, docentes e discentes distantes do

---

<sup>1</sup> Infecção é a inserção de um microorganismo no corpo enquanto doenças são manifestações clínicas, sinais e sintomas. Como, por exemplo, um indivíduo pode estar infectado pelo HIV e não desenvolver a AIDS, bem como um indivíduo pode se infectar pelo SARS-CoV-2 e não desenvolver Covid-19, como no caso dos assintomáticos. Nesta pesquisa, consideramos os casos de indivíduos que foram infectados e desenvolveram a doença.

habitat escolar, impossibilitados de frequentar suas instituições em função de decretos federais, estaduais ou municipais. Em relação ao termo “emergencial”, o autor se refere às alterações/adaptações sofridas repentinamente pelo planejamento pedagógico daquele ano. Deste modo, os currículos são adaptados temporariamente para que as atividades educacionais continuem sendo desenvolvidas em momentos de crise. Para tal adaptação, as instituições de ensino passaram a utilizar dos mais diversificados recursos da *internet* para evitar a evasão escolar durante este período, como, por exemplo, novas interações nas plataformas de ensino que vão desde fóruns, enquetes, contações de histórias e etc. Segundo o Ministério da Educação, em sua última Portaria MEC Nº 1.038, de 07 de dezembro de 2020:

Altera a Portaria MEC nº 544, de 16 de junho de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19, e a Portaria MEC nº 1.030, de 1º de dezembro de 2020, que dispõe sobre o retorno às aulas presenciais e sobre caráter excepcional de utilização de recursos educacionais digitais para integralização da carga horária das atividades pedagógicas, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19 (BRASIL, Ministério da Educação, 2020).

Para Saviani e Galvão (2021), o ensino remoto é insuficiente, pois há distanciamento entre os participantes – docentes e discentes – durante as atividades síncronas e assíncronas e isso se dá pelo dificultador tecnológico (dificuldade de acesso à internet, computadores, celulares etc.). Deste modo, não há como desenvolver um trabalho pedagógico tão aprofundado em conteúdos de ensino, visto que esse tipo de modalidade não abrange professores e alunos em um mesmo espaço, tempo e compartilhamentos da educação presencial. É através do aprendizado que os indivíduos se desenvolvem, e isso ocorre, em primeiro lugar, em relação direta com outros indivíduos – no caso da educação, essa relação entre indivíduos se dá entre alunos e professores. Durante o ensino presencial, os professores estão em posição de identificar as dificuldades afeto-cognitivas de cada aluno e proporcionar maior desenvolvimento escolar; em contrapartida, no ensino remoto, há pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, e pouco diálogo (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42). De um lado, os professores sobrecarregam os alunos com excesso de leitura e atividades na medida em que se sobrecarregam para correção de atividades avaliativas e demais demandas escolares e acadêmicas e, de outro lado, os alunos assumem uma postura “autônoma” e tentam compreender os conteúdos ensinados com base em seus conhecimentos.

Em ambas as faces, questões relacionadas à saúde mental e física dos indivíduos podem ser desencadeadas.

Segundo o Relatório Mundial da Saúde publicado pela Organização Mundial da Saúde (2002), “saúde” pode ser considerada não apenas como a ausência de alguma doença ou enfermidade, mas também o bem-estar social, físico e mental. Neste sentido, a saúde mental tem papel integrador e fundamental na saúde primária dos indivíduos, sendo determinada, para além da ausência de transtornos mentais, também como o resultado de eventos socioeconômicos, ambientais, biológicos e psicológicos. Amarante (2007) caracteriza “saúde mental” como uma área de conhecimento e de atuação técnica no âmbito das políticas públicas de saúde. Segundo o autor, tal área de conhecimento não é objeto de estudo apenas da medicina, psiquiatria e psicologia, mas pertence também às demais áreas de conhecimento, tais como a Filosofia, Antropologia, Neurociências, História, Geografia e, não menos importante e que vem a ser o foco de nosso estudo, a Sociologia. Neste sentido, cada vez mais estudos são desenvolvidos a fim de compreender as peculiaridades dos indivíduos, pois, embora sejam questões particulares, muitas dessas peculiaridades individuais se desenvolvem a partir da externalidade, ou seja, a partir da sociedade e de seus fatos sociais (DURKHEIM, 2012 [1895]).

Conforme novas descobertas acerca do vírus da Covid-19 emergiam, aspectos da vida cotidiana se transformavam gradativamente: desde a vida pessoal dos indivíduos, passando pela política, economia, comunidades científicas e, sobretudo, para nosso caso, na escola. Para além das consequências fisiológicas, políticas e econômicas causadas pelo impacto da Covid-19, cabe ressaltar as complicações psicológicas associadas à saúde mental de adolescentes após as medidas de isolamento e distanciamento social decretadas no país. Pesquisadores e organizadores em nível mundial apontam que doenças altamente infecciosas podem desencadear consequências psicológicas e psiquiátricas também em pessoas não infectadas, devido ao pânico gerado (ORNELL et al., 2020), e aqueles que foram acometidos pela doença de modo brando ou grave também podem vir a desenvolver depressões, ansiedades, transtornos de personalidades ou até mesmo uma maior propensão ao suicídio (XIANG et al., 2020).

Para esta pesquisa, buscamos compreender a construção do discurso sobre saúde mental de crianças e adolescentes voltado para o ensino remoto e suas dificuldades durante a

pandemia de Covid-19 em um dos maiores jornais brasileiros, *A Folha de São Paulo*, no período de março de 2020 a dezembro de 2021. Queríamos saber se as preocupações de pais, autoridades no assunto e leigos eram simplesmente que os estudantes estariam perdendo conteúdos importantes para a sua formação profissional - a partir de um viés neoliberal - ou se, ao invés disso, também estariam considerando os danos psicológicos trazidos pela minimização da importante sociabilidade trazida por essa instituição que é a escola.

Entendemos que a pandemia possibilitou que crianças e adolescentes pudessem aproveitar e conhecer as tecnologias online, como chamadas de vídeo ou jogos interativos *multiplayer*, porém, uma vez que estiveram presentes nos discursos de crianças e adolescentes entrevistados pelo jornal em análise, falas relacionadas à saudades dos amigos, de abraçar os professores e colegas, brincar no recreio e etc., por ausência de sociabilidade, consideraremos apenas as interações de contato físico que foram suprimidas devido ao isolamento social e físico.

Para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo funciona como uma lógica de mercado que também funciona fora da esfera mercantil e expande a competição para além. Esta lógica passa a agir em atividades de produção e atividades sociais de modo geral, criando relações competitivas entre os indivíduos e impondo uma conduta fundamentada no capital humano. Para Laval,

o neoliberalismo vai muito além da esfera exclusiva da economia *stricto sensu*. E isso é o que nem sempre é compreendido. Temos frequentemente uma leitura do fenômeno neoliberal que é demasiado estritamente econômica. O neoliberalismo na realidade refere-se a um conjunto de práticas e discursos que caracterizam as políticas governamentais em escala global, não apenas as políticas econômicas. Essas políticas são caracterizadas pela extensão da lógica de concorrência a todas as relações econômicas e, além disso, a todas as atividades sociais e culturais, por um modelo de empreendedorismo imposto a todas as formas de atividade e instituições, particularmente às instituições públicas, e finalmente pela transformação das relações humanas e das subjetividades com base no modelo do "capital humano". (LAVAL, 2019, p. 318 e 319).

Segundo o Media Ownership Monitor (MOM), através de dados divulgados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em 2016, a *Folha de São Paulo* foi o jornal de maior tiragem paga do país. A escolha do jornal se dá por liderar a audiência paga entre os jornais brasileiros, segundo dados apresentados pelo Instituto Verificador de Comunicação

(IVC), divulgados pela própria imprensa<sup>2</sup> e também por se autodenominar um jornal pluralista e progressista.

Em 2020, a média mensal foi de 337.854 de assinaturas. Destas, 266.669 são assinaturas digitais e 71.185 impressas, seguido do jornal *O Globo* com 332.176 assinaturas, sendo 244.829 assinaturas digitais e 87.346 impressas e, em terceiro, *O Estado de São Paulo*, com média mensal de 239.395, sendo 151.942 assinaturas digitais e 87.453 assinaturas impressas. Em relação à audiência, a Comscore – empresa estadunidense responsável por análise de tráfego – utiliza três métricas-chave para análise de dados: Páginas Vistas (PVs), que são os conteúdos consumidos pelos leitores; *Time Spent* ou “tempo gasto”, são os minutos que todos os leitores gastaram em um site; e a terceira métrica é o número de visitantes que acessaram um site. Segundo a Comscore, em 2020, a *Folha* liderou a audiência geral em duas dessas três métricas: em relação às páginas vistas (PVs), apresentou número de 220,6 milhões, seguido do jornal *O Estado de São Paulo*, que apresentou 179,7 milhões e, por fim, *O Globo*, com 73,7 milhões; o tempo gasto total dos leitores navegando nos conteúdos, por mês foi de 274 milhões de minutos, seguido d’*O Globo* com 201 milhões de minutos e *O Estado*, com 59 milhões de minutos; no total de visitantes que acessaram os três jornais, *A Folha* apresentou 27,3 milhões de usuários, *O Globo* teve 28,8 milhões de usuários e o número registrado pelo *Estado* foi 16,2 milhões. A partir dos dados apresentados pelo IVC e pela empresa estadunidense Comscore, optamos pelo jornal *A Folha de São Paulo* por ser um dos jornais mais acessados dentre a população brasileira e por apresentar cobertura jornalística abrangente em todos os estados do país.

Os dados apresentados nesta pesquisa foram extraídos do jornal através de sua plataforma online. Com os descritores “pandemia” e “escolas” foram coletadas 1.681 notícias em todos os cadernos do jornal. Destas, 271 foram selecionadas e 62 foram excluídas por não tratarem diretamente, fugirem totalmente do tema ou por serem duplicadas, resultando em um total de 209 documentos de notícias a serem analisadas. O período de início de seleção das notícias é de 2 de março de 2020, data da primeira notícia com estes descritores a aparecer no jornal; e o seu fim é em 31 de dezembro de 2020. Como critério de seleção para análise, temos o início da pandemia, em março de 2020, e para fim da coleta, dezembro de 2020, o

---

<sup>2</sup> Folha é o jornal mais nacional do país e o de maior audiência e circulação:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/folha-e-o-jornal-mais-nacional-e-o-de-maior-audiencia-e-circulacao.shtml?origin=folha>

fim do ano letivo em escolas privadas, municipais e estaduais bem como uma possível reabertura das mesmas para o próximo ano. Durante este período, levamos em consideração os mais diversos momentos de incertezas em relação ao vírus, ao papel da escola enquanto agente integrador e regulador ao lado da saúde mental de crianças e adolescentes. Como critério de seleção para as notícias, levamos em consideração os títulos e subtítulos seguidos do conteúdo. Os critérios de exclusão foram: (1) não abordar diretamente questões relacionadas à saúde mental e ao papel escolar; (2) notícias internacionais ou em língua que não fosse o português brasileiro; (3) vídeos, apenas imagens e *podcasts*. Neste período, foram emitidas 1.681 notícias, das quais foram lidas 271 e selecionadas 209. Para a análise, utilizamos o *software* de análise qualitativa de dados MAXQDA Analytics Pro 2020 e Google Sheets.

A pesquisa procura desenvolver um estudo qualitativo, descritivo, de análise teórica e documental, considerando a proposta de análise de discurso Rosalind Gill. Para Gill (2008), a análise de discurso é utilizada para compreender os estudos de textos em diversas disciplinas e trajetórias teóricas diferentes, uma vez que existem diferentes estilos de análise e não uma única "análise de discurso". O que estas perspectivas partilham é uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social (GILL, 2008, p.244). A autora aponta que existem ao menos 57 tipos de análise de discurso e discute três delas: a primeira são os estudos de linguagem, a linguística crítica, semiótica social ou crítica, relacionada à linguística, mas voltada à semiótica e análise estruturalista. Esta tradição

está bem representada nos estudos de mídia, particularmente na pesquisa sobre imprensa e enfatizou as maneiras como formas linguísticas específicas (tais como a anulação do sujeito, passivização ou nominalização) podem ter efeitos dramáticos sobre a maneira como um acontecimento ou fenômeno é compreendido (GILL, 2008, p. 246).

A segunda tradição é a influência da teoria do ato da fala, etnometodologia e análise da conversação. Trata-se da orientação da ação que um discurso possui, ou seja, ao invés de olharmos como as narrações se conectam com o mundo, o foco é o objetivo que as narrações têm, para que assim seja possível analisar minuciosamente a organização das interações sociais. A última tradição se insere no pós-estruturalismo, como, por exemplo, a análise de discurso apresentada por Michel Foucault (1970), que explora os acontecimentos, as

condições históricas e possibilidades dos discursos que se sustentam na mesma construção discursiva.

Para Gill (2008), fazer uma análise de discurso demanda que questionemos nossas hipóteses e a maneira como damos significado às coisas, de modo que essas análises se modifiquem e transcendam os modos como vivenciamos a linguagem e as relações sociais. Apesar da consciência sobre as diferentes vertentes de análise de discurso, optaremos por nos aproximarmos de uma abordagem mais geral, compreendendo que o discurso não é apenas uma linguagem neutra, mas historicamente atravessado. Apesar das diferenças, diferentes perspectivas partilham a rejeição da noção realista de que a linguagem é apenas um meio neutro de refletir ou descrever o mundo e, ainda, a convicção da importância central do discurso na construção da vida social (GILL, 2008). Para a autora, analistas de discurso analisam o discurso em si e o contexto interpretativo, uma vez que o discurso é visto como uma prática social e não como um mero epifenômeno. Realçar isto é sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social.

O objetivo do presente estudo visa a analisar a construção do discurso sobre saúde mental de crianças e adolescentes voltado para o ensino remoto e suas dificuldades durante a pandemia de Covid-19 e compreender os aspectos comunitários escolares que integram crianças e adolescentes, aspectos estes que estão suspensos, ao passo que os que geram competição e uma consequente desagregação se mantêm, ainda que remotamente. Suprimindo-se o aspecto integrador da escola e mantendo-se o seu caráter fomentador de competitividade, o resultado poderia ser um sofrimento psíquico acentuado. Neste sentido, a pergunta norteadora desta pesquisa é: se a escola apresenta essa dupla função (integrar a criança e adolescente na sociedade e regular comportamentos e desejos)<sup>3</sup>, durante o período de pandemia desencadeada pelo SARS-CoV-2, quais são as consequências que a eliminação de uma e a manutenção da outra geram para as crianças e as e os adolescentes? Nossa hipótese para a pesquisa é referente a uma maior veiculação de notícias voltadas para a importância dos temas relacionados à escola e aprendizado (ou não aprendizado), enquanto que para saúde mental há pouca importância.

---

<sup>3</sup> Pautados na teoria de Durkheim (2014 [1897]), podemos dizer que a escola, assim como a família e a religião, é uma instituição que promove integração entre os indivíduos, mas também regula os seus comportamentos e desejos. A integração de uma instituição, na teoria suicidógena durkheimiana, equilibra o indivíduo entre os estados de egoísmo e altruísmo, ao passo que a regulação o balanceia entre os estados de anomia e fatalismo.

Desenvolvemos este estudo a partir da teoria das correntes suicidógenas de Émile Durkheim, apresentada pelo autor em 1897, pensando nas forças integradoras e reguladoras da escola, conforme apresentadas nas notícias circulantes durante o ano de 2020. Durkheim (2014 [1897]) apresenta o suicídio como um fenômeno social a partir da sua regularidade – suas taxas em relação à população –, suas causas e tipos sociais, como fato social normal. Deste modo, categoriza os tipos de suicídio como egoísta, altruísta, anômico e fatalista – este último, pouco abordado na literatura, mas de suma importância para o nosso estudo. Sendo assim, a classificação para o suicídio se afasta de definições biológicas e, embora se manifeste individualmente, é um fenômeno a ser analisado pela Sociologia e não somente pela Psicologia. Cabe ressaltar aqui, a razão de utilizarmos Durkheim para a nossa análise: apesar de não tratarmos sobre casos de suicídios propriamente ditos, a teoria durkheimiana nos fornece uma espécie de “mapa dos sofrimentos humanos”, cujo desfecho pode ser o suicídio ou não. Desenvolveremos melhor no terceiro capítulo como cada uma das quatro correntes suicidógenas pode conduzir o indivíduo a um estado patológico: se levado ao estado de egoísmo, seus sofrimentos (que podem conduzi-lo ao suicídio) serão de determinado tipo social; enquanto que, se levado ao estado de anomia, serão de outro etc.

## 2 O PAPEL DA MÍDIA COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA

As mídias de comunicação de massa apresentam-se como mediadoras entre leitores (e, por leitores, entende-se a sociedade como um todo) e informam sobre os acontecimentos em nosso dia a dia. É nítida a força que os veículos de comunicação exercem sobre as populações, pois, além de suas informações pautadas em acontecimentos diários de uma determinada sociedade, expõem um certo padrão opinativo.

Não obstante o aspecto biológico do coronavírus e da Covid-19, há também as compreensões e os discursos que se desenvolveram a partir da sua construção social, pelos jornais mencionados, no âmbito cultural, econômico, moral, ético e científico. Atingindo todas as realidades existentes em nossa sociedade, o coronavírus tornou-se o ponto central de conversas e conflitos e desencadeou uma crise social, econômica, política e também psicológica. Deste modo, o vírus, que se alastrou pelo mundo, provocando uma pandemia, tornou-se um fato social. Como apontado por Durkheim (2012 [1895]) em *As Regras do Método Sociológico*, os fatos sociais exercem poder de coerção externa sobre os indivíduos, sendo gerais na extensão daquela sociedade e independentes das expressões individuais. O termo “representação coletiva” foi apresentado, inicialmente, por Émile Durkheim em 1895 em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, com o intuito de salientar uma predominância do pensamento coletivo sobre o pensamento individual. Para o autor,

A sociedade é uma realidade *sui generis*; tem suas características próprias que não se encontram, ou que não se encontram da mesma forma, no resto do universo. As representações que a exprimem têm, portanto, um conteúdo completamente distinto das representações puramente individuais, e podemos estar certos de antemão de que as primeiras acrescentam algo às segundas. As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber (DURKHEIM, 1996, p. XXIII).

As representações durkheimianas são, então, “coisas sociais”, resultantes do pensamento coletivo, que organizam e classificam a sociedade. Essa organização social do coletivo, produz o tempo, o tempo social, o espaço social e produz a forma como compreendemos as conexões do mundo em nossas noções de causas e efeitos, meios e fins. Para Durkheim, os conceitos são representações coletivas e,

Se eles são comuns a um grupo social inteiro, não é que representem uma simples média entre as representações individuais correspondentes, pois, nesse caso, seriam

mais pobres que estas últimas em conteúdo intelectual, quando, em realidade, estão carregados de um saber que ultrapassa o do indivíduo médio. Eles não são abstrações que só teriam realidade nas consciências particulares, mas representações tão concretas quanto as que o indivíduo pode ter de seu meio pessoal, representações que correspondem à maneira como esse ser especial, que é a sociedade, pensa as coisas de sua experiência própria. Se, de fato, os conceitos são na maioria das vezes ideais gerais, se exprimem categorias e classes em vez de objetos particulares, é que as características singulares e variáveis dos seres só raramente interessam à sociedade; em razão de sua extensão, ela praticamente só pode ser afetada pelas propriedades gerais e permanentes desses seres (DURKHEIM, 1996, p. 483).

A consciência coletiva é, então, a forma mais elevada da vida psíquica, a consciência das consciências, segundo Durkheim (1996). As representações coletivas são superiores às representações individuais e os indivíduos devem se adequar ao fazer parte de uma determinada sociedade, agindo conforme as representações da sociedade na qual estão inseridos. Conforme apresentou Pinheiro Filho (2004), os estados mentais desenvolvidos transformam-se em ideias coletivas que invadem as consciências individuais possibilitando a comunicação.

A sociedade é a única fonte da humanidade do homem; é através dela que se transcende a pura vida orgânica que é a condição do homem tomado em sua individualidade. Apenas a vida coletiva faz do indivíduo uma personalidade, dando forma à consciência moral e pensamento lógico que têm origem e destinação social. O indivíduo não é ainda realidade humana, mas apenas abstração que só se perfaz no meio social (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 142).

Serge Moscovici, psicólogo social romeno, foi um dos pioneiros nas pesquisas sobre as representações sociais dentro da psicologia social contemporânea e, mesmo após a sua morte, seus estudos sobre o tema continuam sendo um dos enfoques principais na área da psicologia social. Em sua obra *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*, publicada em 1961, Moscovici (2015 [1961]) bebe da fonte durkheimiana para suas pesquisas sobre as representações, mas distancia-se de Durkheim em certo ponto de seus estudos ao levar em consideração as representações como fenômeno e não como um conceito. Enquanto para Durkheim (1996) as representações coletivas envolviam aspectos míticos, religiosos, temporais e espaciais, Moscovici (2015 [1961]) pensava as representações como fenômenos que se davam em níveis individuais e estavam conectadas através da comunicação e da compreensão entre indivíduos numa determinada sociedade e não da estrutura social propriamente dita. Por esta razão, o autor optou por utilizar o termo “representações sociais” ao invés de “representações coletivas”. Tais representações sociais, segundo Moscovici (2015 [1961]), permitem aos indivíduos que compreendam a sociedade

e desenvolvam a comunicação entre pares, possibilitando que estes desenvolvam teorias que auxiliem em suas ações e condutas a partir do momento em que estão diante de um objeto ou situação que os representem. A Teoria das Representações Sociais desenvolvida pelo autor, pode ser abordada em termos de produto e em termos de processo, pois a representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica (ABRIC, 1994, p. 188 apud CRUSOÉ, 2004, p. 107).

Neste sentido, as notícias divulgadas pela *Folha de São Paulo* fazem parte de um conjunto de representações e apresentam contribuições à nossa sociedade, mostrando uma maneira de como compreender as questões abordadas. Pensando na realidade assolada pela pandemia, as notícias refletem uma forma de “guia prático” de como podemos agir em relação às questões impostas e instruções governamentais. As ideias coletivas criadas por parte da sociedade são ideias que podem vir a ser expressas através das representações coletivas e, neste caso, através das notícias veiculadas que se pretendem a expressão máxima dos ideais da nossa sociedade. As notícias como representações do coletivo apresentam um elemento realista e, ao mesmo tempo, simbólico, sendo, para Durkheim (1996), obras da sociedade e ricas de experiências oriundas desta. Para Moscovici (2015 [1961]), as representações apresentadas pelos meios sociais de comunicação equivalem à existência de nossa vida habitual, ou seja, do nosso dia a dia, e têm como função determinar as organizações que conectam os indivíduos entre si.

Os meios de comunicação de massa aceleraram essa tendência, multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar (MOSCOVICI, 2015, p. 48).

Por exemplo, Claudine Herzlich e Janine Pierret publicaram, em 2005, uma de suas principais pesquisas sobre a construção do fenômeno social da AIDS em seis jornais franceses no período de sua descoberta, durante a década de 1980. As autoras analisam a construção do fenômeno social da AIDS, que se desenvolveu nos âmbitos científico, econômico, moral e cultural e a consideraram uma “doença da mídia”, construída diante da opinião aliada às notícias sensacionalistas sobre um vírus, até então, desconhecido.

Os jornais sempre acreditaram que estavam nos informando sobre o impacto social da doença, estavam reproduzindo as reações coletivas a ela, mas essas reações não eram exteriores ao discurso articulado pela própria imprensa; de fato, sabemos pouca coisa a respeito das relações que unem a produção do discurso e seus efeitos nos receptores (HERZLICH et al., 2005, p.97).

Para Herzlich e Pierret (2005), os jornais apresentam papel importante na produção daquilo que chamamos de real e, citando Eliseo Veron, afirmam que “os acontecimentos sociais (...) só existem na medida em que são moldados pela mídia” (VERON, 1981, apud. HERZLICH et al., 2005, p.73). Portanto, apontam que essa construção foi feita em dois vieses: primeiro, com a imprensa anunciando um novo fenômeno patológico, desenhando-o dentro do campo medicinal e científico para um registro ao qual a massa pudesse ter acesso e, em segundo lugar, a imprensa fez com que a AIDS circulasse dentre os vários grupos sociais que se consideravam afetados, para que pudessem se mobilizar, centralizando as relações que se desenvolviam a seu respeito. Houve, então, um processo de desenvolvimento da doença até o reconhecimento do público. No caso da AIDS, durante a década de 1980, havia a presença de estigmas, sexualidade, grupos sociais específicos que levaram a um tom extremamente moral.

Com relação ao tema desta pesquisa, entenderemos o jornal e suas representações a partir das considerações propostas por Durkheim. As mídias mais convencionais e respeitadas têm tido bastante cuidado em divulgar apenas informações apontadas pela comunidade científica, mas os exemplos críticos citados nos dão evidências da importância da mídia com relação à propagação e cristalização de ideias sociais a respeito de saúde e doença.

### 3 MAPA DOS SOFRIMENTOS HUMANOS EM ÉMILE DURKHEIM: O SUICÍDIO

Émile Durkheim (1858 – 1917), um dos tripés da Sociologia Clássica, escreveu, em 1897, sua célebre obra *O Suicídio: estudo de sociologia*. Esta, nos possibilitou maior entendimento sobre as formas de integração e regulação social em sociedades complexas e como elas podem resultar em suicídio. Durkheim definiu o suicídio como “Todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima, e que ela sabia que produziria esse resultado” (2014, p. 16). Uma das principais intenções do autor está em analisar o suicídio, normalmente encarado como fenômeno estritamente psicológico e individual, como social. Por meio dessa abordagem, o autor percebe que os dados colhidos de óbitos em alguns países europeus podiam estar ligados a variáveis específicas. Neste caso, para empreender um estudo sociológico sobre o suicídio, ele considera necessário estabelecer como objeto os fatores que agem sobre um grupo, e não apenas sobre determinados indivíduos. Assim, o estudo se configura como uma análise de fatores e processos sociais que agem sobre certa sociedade (RIBAS, 2018). Uma vez que se entende que, vulgarmente, o suicídio é um ato de desespero de uma pessoa que não quer mais viver, torna-se ingênuo excluir a importância de fatores psicológicos para a sua compreensão. Durkheim não nega, portanto, o lugar da psicologia, mas se afasta da investigação sobre os motivos pessoais do indivíduo em particular. Ao invés disso, enxerga o ato desde outra perspectiva: considerar o conjunto de suicídios cometidos em dada sociedade durante um período de tempo, possibilitando um olhar sociologicamente orientado para um todo que não é composto, simplesmente, pela soma das partes, mas que se constituiu como um fato social *per se*.

Para a construção da obra, foram levantados dados de 26 mil casos de suicídios na Europa e, por meio de um método estatístico comparativo, se aproxima de possíveis explicações. De forma geral, percebe que em cada momento da história, cada sociedade apresenta uma predisposição, maior ou menor, para o suicídio. Através da amostra significativa de dados de suicídios coletada, Durkheim aspira corroborar sua tese de que as correntes suicidógenas são um fato social; e por ter uma natureza também social, são passíveis de mudanças, que vêm através de modificações em certos padrões e normas sociais de comportamento. Assim, entende-se que não se pode falar em suicídio sem que se fale sobre

o meio em que os indivíduos vivem. É somente com uma mudança drástica na sociedade, no corpo social, que uma mudança em taxas estatísticas de suicídio poderá ser observada, quando os elementos que causam a patologia sejam eliminados. Para o autor, então,

[...] há, para cada grupo social, uma tendência específica ao suicídio que não se explica nem pela constituição orgânico-psíquica dos indivíduos nem pela natureza do meio físico. Disso, resulta, por eliminação, que ela deve necessariamente depender de causas sociais e constituir, por si mesma, um fenômeno coletivo; até mesmo alguns fatos que examinamos, sobretudo, as variações geográficas e sazonais do suicídio, levaram-nos expressamente a essa conclusão.(DURKHEIM, 2014, p. 133).

Após confrontar inúmeros dados, Durkheim conclui, conseqüentemente, que as causas sociais, sem dúvida, exercem um poder quase direto no plano do inconsciente coletivo (RIBAS, 2018).

Caso haja a perda de coesão em uma sociedade religiosa ou na família, por exemplo, o indivíduo pode cair no estado de egoísmo e suicidar-se (seria o que ele classificou como “suicídio egoísta”). Por outro lado, caso haja a perda de referências a respeito de regras e desejos, os indivíduos podem cair no estado de anomia. Desejar infinitamente é um dos grandes fatores que geram suicídios nas sociedades modernas. Para Durkheim, há quatro tipos diferentes de suicídio, que se relacionam à integração e à regulação do indivíduo com a sociedade: o suicídio egoísta, o suicídio altruísta, o suicídio anômico e o fatalista. O suicídio egoísta diz respeito à pouca integração do indivíduo na sociedade: a religião, a família e a nação não lhe fornecem elementos que façam-no sentir-se conectado a ela e, logo, cairia no estado de egoísmo (que podemos entender como o estado de solidão, do linguajar comum<sup>4</sup>). Quanto mais integrada a sociedade, mais longe fica o indivíduo do estado de egoísmo, e quando a sociedade perde a coesão, falta ao indivíduo uma razão para suportar a existência.

O suicídio altruísta, apontado como um dever em determinadas sociedades, é encontrado em uma sociedade fortemente integrada, a qual exerce uma coerção sobre o indivíduo, para que este cumpra sacrifícios. Neste caso específico, a personalidade coletiva se sobrepõe à individual, que tem pouca importância. Alguns exemplos podem ser lembrados,

---

<sup>4</sup> Durkheim parece ter escolhido o termo “egoísta” para designar o estado em que o indivíduo está mais desligado da sociedade exatamente para contrapor-se à ideia de Spencer de que seria exatamente o egoísmo o impulsionador do elo social. “A Divisão de Trabalho de Durkheim foi, em parte, uma polêmica contra o modelo de sociedade egoísta e utilitarista – contra as premissas dos economistas liberais (e Spencer) sobre a natureza humana e a natureza subjacente da sociedade (CORNING, 1982, p. 365). De fato, como Durkheim usou o conceito de “solidariedade”, havia um forte conteúdo psíquico e moral e implicava altruísmo versus egoísmo nas relações sociais (CORNING, 1982, p. 366).

como o de mulheres que se sacrificam com a morte do marido ou de servidores que cometem suicídio em caso de morte de seu chefe. Ou seja: se o suicídio egoísta acontece quando há coesão de menos, aqui, o suicídio ocorre porque há coesão demais.

Os homens possuem apetites e necessidades, de ordens físicas e ainda mais, morais, aos quais buscam constantemente transpor. Mas, para satisfazê-los, é preciso controlá-los e limitá-los. Do contrário, paixões ilimitadas e a busca por algo inacessível culmina em um estado de eterno descontentamento. É neste ponto que a sociedade entra como força reguladora, externa ao indivíduo. Em função de haver uma hierarquia das funções, quando sua ordem muda bruscamente, uma confusão é criada, deixando os indivíduos desordenados. Nesses casos, diante de uma crise, a sociedade fica provisoriamente incapaz de exercer o papel regulador. Diante da expectativa e objetivo de prosperidade e que podem ser constantemente frustrados, há o estado chamado por Durkheim de anomia.

Por último, mas não menos importante para o desenvolvimento desta pesquisa, trataremos sobre o suicídio fatalista. Durkheim o aborda em sua obra como uma singela nota de rodapé, mas que apresenta grande relevância. O autor classifica como fatalista aquele que se opõe ao suicídio anômico. Ocorre quando há excesso de regulação, em ambientes de intensa opressão, ou seja, os indivíduos que estão inseridos em ambientes de extrema disciplina e opressão têm suas paixões reprimidas e suas ambições freadas. Para Durkheim (2014 [1897]), se enquadram os jovens casados, as mulheres casadas sem filhos e também os escravos – vivem em condições em que não há flexibilização e estão sob constante subordinação, disciplina, opressão e regras a serem seguidas. Durkheim afirma que, para a época em que seu estudo fora realizado, “tem tão pouca importância hoje e, afora os casos que acabamos de citar, é tão difícil de encontrar exemplos dele que nos parece inútil nos determos nisso” (2014, p. 274). Mais de um século depois, podemos considerar o suicídio fatalista como uma decorrência da sociedade contemporânea e de controle: crianças e adolescentes em situação escolar. Estes se encontram em constante disciplina, pressão e regulação por parte da escola e suas normas, bem como sob pressão familiar para seguirem à risca as disciplinas escolares. Um exemplo do suicídio fatalista aplicado à sociedade contemporânea aconteceu em 2018 em uma escola da elite paulistana de cunho conversador e tradicionalista: em um período de aproximadamente 15 dias, dois adolescentes tiraram suas vidas. Um dos adolescentes era acometido pela depressão e o outro, segundo o jornal *O Globo*

<sup>5</sup>, teria agido por impulso. As mortes ocorreram durante um período em que não ocorrem aulas, apenas provas. Um estudo realizado pela Faculdade de Medicina da USP (FMUSP)<sup>6</sup> com 6.000 crianças e adolescentes entre cinco e 17 anos, apontou que 36% dos jovens no Brasil desenvolveram sintomas de depressão e ansiedade durante a pandemia. Uma em cada três crianças e adolescentes apresentou níveis de estresse emocionais de alta intensidade, considerando-se importante a avaliação por um profissional da área da saúde. Neste sentido, consideramos relevante o tipo fatalista apresentado por Durkheim para desenvolvermos esta pesquisa.

Retomemos aqui que não abordaremos as tipologias de suicídio diretamente propostas por Durkheim, mas as aplicaremos em nossa pesquisa por elucidar dois aspectos importantes da instituição que é a escola, uma vez que esta apresenta uma dupla funcionalidade (integradora e reguladora) que esteve presente nos discursos analisados. A escola exerce duas funções importantes na formação dos indivíduos. A primeira função é a de integrar e a segunda, a de regular. Exerce sua função integradora quando evita o estado egoísta. A segunda função, de regulação, evita a anomia, pois fornece o princípio de realidade dos desejos possíveis. Em tese, a escola deveria exercer o papel benéfico de integração social e reconhecimento das crianças e adolescentes como pertencentes de uma sociedade e uma comunidade moral. Esse senso de comunidade presente na força integradora da escola tem êxito justamente quando evita o estado de egoísmo.

Em relação à força reguladora exercida pela escola, são consideradas as exigências e cobranças presentes em ambiente escolar. Trata-se da preparação do indivíduo para a sociedade e especialmente o mercado de trabalho que, cada vez mais, apresenta um caráter neoliberal visando ao capital humano, à competição entre os pares, à autonomia dos sujeitos e que resultam em um discurso de sucesso ou fracasso de si, como bem apresentaremos as ideias das autoras Caponi e Daré (2020) no próximo capítulo. Das duas forças apresentadas, a pandemia suprimiu a função integradora escolar, uma vez que não havia mais escolas abertas para que a sociabilidade pudesse ocorrer, e realçou ainda mais a força reguladora, o que provocou aflição e desenvolvimento de transtornos mentais em muitas crianças e adolescentes em período escolar.

---

<sup>5</sup><https://oglobo.globo.com/brasil/suicidio-de-dois-alunos-cao-comocao-leva-colegio-adotar-medidas-22622107>

<sup>6</sup><https://jornal.usp.br/atualidades/pandemia-e-responsavel-por-cerca-de-36-dos-casos-de-depressao-em-criancas-e-adolescentes/>

#### **4 O NEOLIBERALISMO E A SAÚDE MENTAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

Em estudo realizado sobre a influência das emoções no aprendizado de estudantes em nível escolar através da análise de revisão de literatura, Souza et al. (2020) examinaram as relações familiares, as relações professor-estudante e relações entre pares e concluíram que estas relações têm influência sobre a aprendizagem dos estudantes. Observaram, então, que as relações interpessoais estão sob domínio das emoções e estas podem acarretar condutas positivas ou negativas no tocante ao desenvolvimento escolar.

Segundo os autores, as primeiras relações de uma criança ocorrem no cerne familiar e são de valiosa importância para a formação dos indivíduos, sendo o núcleo familiar e escolar onde ocorre a formação cognitiva do indivíduo para a vida adulta (MINAYO, 2005, apud SOUZA et al., 2020, p. 384). As relações professores-alunos vêm em seguida ao núcleo familiar e pretendem contribuir com o aprendizado de cada indivíduo. A maneira como são determinadas as relações professores-estudantes, uma vez que o professor é responsável pela difusão do conhecimento, deve ir além: transmitir sentimentos e atitudes que evidenciem a importância do que acontece na transição da infância para a adolescência. Sabe-se que, naturalmente, a escola faz parte da sociedade e conseqüentemente é afetada pelas suas mudanças. As mudanças sociais que mais afetam a escola hoje em dia são as exigidas pelo neoliberalismo, o que impacta sobre suas e seus estudantes e cria o intenso senso de competição e responsabilização, e estes podem desenvolver severos sofrimentos psíquicos, avançando para diagnósticos psiquiátricos na infância.

As autoras Caponi e Daré (2020), ao estudar o neoliberalismo e os sofrimentos psíquicos que acometem estudantes dentro do âmbito escolar, buscaram compreender de que forma o neoliberalismo impacta na educação e chegaram à conclusão de que ele está associado às causas presentes em diagnósticos psiquiátricos infantis. Uma vez que a base do neoliberalismo é o capital humano, e este, segundo a ideologia neoliberal, surge na primeira infância, a educação formal é capturada para o investimento e valorização desse capital. Capital humano é o que as autoras chamam de “empresários de si”: os indivíduos ditos neoliberais submetem-se a trabalhos mais flexíveis que visam à alta performance em local de

trabalho, o que leva à competição e, conseqüentemente, à autorresponsabilização de seus sucessos e fracassos. Para as autoras,

As novas subjetividades que emergem das relações orientadas pelos princípios neoliberais, estão diretamente vinculadas à gestão dos sentimentos. Para ser bem sucedido no mundo neoliberal, é necessário garantir o autocontrole da forma como expressamos nossas emoções. Impõe-se a exigência tácita de não demonstrar raiva, rejeição, oposição, medo ou ansiedade. Ao contrário, o empresário de si deve sempre demonstrar uma positividade desbordante, um sentimento de plena e completa felicidade. (CAPONI & DARÉ, 2020, p.308).

Essa busca pelo constante estado de bem-estar e felicidade é, muitas vezes, instigado pelas instituições educacionais voltadas para os cursos preparatórios para vestibulares e concursos. Os chavões “você é o melhor”, “você consegue”, “você é seu campeão”, “somos os primeiros do Brasil em nível de aprovação” estão diretamente relacionados à competitividade. Ainda que o indivíduo não se submeta à competição desenfreada, ele é submetido à necessidade de transparecer emoções positivas mesmo em momentos de intensa pressão, como no caso dos vestibulares e concursos. Na constante competição educacional dominada por aspectos neoliberais, aqueles que falham em seus problemas de aprendizagem ou instigam o fracasso escolar, segundo Caponi e Daré (2020), são vistos como indivíduos que não se dedicaram o suficiente para a aprimoração do seu capital humano, ou seja, não buscaram responsabilidade em seus empreendimentos individuais.

Corbanezi (2021), em seu estudo intitulado *Saúde mental, depressão e capitalismo*, aborda a depressão como uma epidemia na sociedade contemporânea e traz a saúde mental como uma estratégia biopolítica, uma vez que é a saúde mental que está entre o “normal” e o patológico. Corroborando com Caponi e Daré (2020), Corbanezi (2021) apresenta o capital humano junto aos transtornos relacionados à saúde mental. Sendo o capital humano um produto mercadológico, os indivíduos não mais aprimoram seus conhecimentos e necessidades em prol de seu bem próprio, mas sim para desenvolverem novas habilidades e competências, tornam-se empreendedores de si, mas para interesses futuros em espaços que visam ao lucro. Para o autor, a vida se torna *business*, isto é, a ideia de que a vida se reduz em nossos dias à própria carreira, tornando ambas indiscerníveis tanto em países desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento (2021, p.204).

Tanto para Foucault (2008) quanto para López-Ruiz (2007), o neoliberalismo norte-americano constitui toda uma forma de ser, pensar e de agir, ou seja, por meio da teoria do capital humano, essa vertente do neoliberalismo institui o *éthos*

característico do *homo oeconomicus* atual, que é se tornar empreendedor de si mesmo, o que, como observamos anteriormente, está no cerne da nova cultura psicológica instaurada pelo discurso positivo da saúde mental (CORBANEZI, 2021, pp. 202-3).

Para Cobarnezi (2021), o desempenho é uma construção da vida empresarial e, junto ao desempenho, podemos acrescentar a competitividade: quanto mais capital humano acumulado, mais o desempenho funcionará como métrica para o sucesso e o fracasso de cada indivíduo e, deste modo, tornam-se competitivos entre si, passando a adotar os títulos de “perdedores” ou “vencedores”, ainda que inconscientemente. Todos esses aspectos são perceptíveis na escola: uma vez que se entende que ela seja o local que prepara indivíduos para o mercado de trabalho, ela acaba refletindo esses aspectos mencionados. A sua função reguladora se eleva ao exigir um desempenho extraordinário dos seus estudantes, cujas horas do dia estão, a cada geração, mais tomadas por ela. Criar “vencedores” não é uma tarefa simples e exige um grau de sacrifício por parte daqueles que desejam este posto. E esse sacrifício vai na direção do estado fatalista que comentamos há pouco.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 Dupla função da escola *versus* saúde mental no jornal *A Folha de São Paulo*

Com quais preocupações estariam pais e a sociedade em geral quando discutiram o fechamento e a abertura das escolas? Estariam preocupados com dimensões psicológicas das crianças e dos adolescentes ou olhando apenas para a preparação para o mercado de trabalho que estaria sendo perdida? Suspeitavam que o fechamento acarretaria agravamentos psicológicos porque o aspecto integrador da escola estaria comprometido, enquanto as exigências neoliberais estavam mantidas, pois presumivelmente poderiam ser cumpridas mesmo à distância, com o esforço individual de cada estudante? Essas foram as indagações desta pesquisa.

Para a análise qualitativa de dados, foi utilizado o *software* MAXQDA Analytics Pro 2020 e Google Sheets, com o intuito de elaborar uma análise descritiva de conteúdo. A análise dos dados textuais obtidos das 209 notícias (excetuadas as duplicadas e excluídas do total de 271) seguiu as indicações de análise de conteúdo de Bardin (1977). A organização de dados se deu através de agrupamento por classificação que, segundo Bardin (1977, p. 52), são “ventilação das unidades significativas em categorias, rubricas ou classes”. As categorias “Escola/Aprendizagem” e “Saúde Mental” criadas *a priori*, foram aprimoradas no decorrer da análise e serão explicadas posteriormente. A ordem de classificação e exploração das notícias foi manual: primeiro a leitura de títulos, leitura do corpus das notícias e, por fim, sua codificação. O resultado obtido se deu através de análises de frequências e da relação entre códigos.

Os dados apresentados nesta pesquisa foram extraídos do jornal através de sua plataforma online. Com os descritores "pandemia e escolas", o universo foi de 1.681 notícias publicadas em todos os cadernos online do jornal e selecionadas 271 para análise. Destas, 62 foram excluídas por não tratarem diretamente do tema, fugirem totalmente dele ou por serem duplicadas, resultando em uma amostra de 209 documentos de notícias analisados. O período de seleção das notícias começa em 02 de março de 2020, quando surgiu a primeira notícia, e termina em 31 de dezembro de 2020. Como critério de seleção para análise, temos o início da pandemia, em março de 2020, e para fim da análise, dezembro de 2020, o fim do ano letivo

em escolas privadas, municipais e estaduais bem como a preparação de uma possível reabertura das mesmas para o próximo ano. Durante este período, levamos em consideração os mais diversos momentos de incertezas em relação ao vírus e ao papel da escola enquanto agente integrador e regulador ao lado da saúde mental de crianças e adolescentes.

Como já mencionado, o critério de seleção para as notícias foram os títulos e subtítulos seguidos do conteúdo. Neste período, foram emitidas 1.681 notícias, das quais foram lidas 271 e selecionadas 209 notícias.

## 5.2 Escola e aprendizagem *versus* Saúde mental

A tabela 1 relaciona a lista de códigos e a frequência no decorrer das notícias analisadas.

Tabela 1: Frequência de códigos utilizados

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem (válida)
<b>Escola/Aprendizagem</b>	170	62,7	81,3
<b>Saúde mental</b>	161	59,4	77,0
<b>DOCUMENTOS com código(s)</b>	209	77,1	100,0
<b>Notícias excluídas</b>	62	22,9	
<b>DOCUMENTOS ANALISADOS</b>	271	100,0	

Fonte: elaboração da autora

Os dois códigos utilizados foram elaborados para demonstrar as características dos temas em análise conforme as notícias apresentadas pelo jornal. O primeiro código, *Escola/Aprendizagem*, trata diretamente sobre fragmentos de texto que abordam a importância da abertura das escolas em período de pandemia, a importância de crianças e adolescentes continuarem estudando assiduamente durante o Ensino Remoto Emergencial e diz respeito à preocupação “conteudista”, ou seja, de que os alunos estariam perdendo matérias importantes para a sua preparação para o vestibular e, conseqüentemente, para a sua vida profissional. O segundo código, *Saúde mental*, aborda fragmentos de texto que tratam diretamente sobre conceitos e condições patológicas relacionadas à saúde mental de crianças e adolescentes durante o período de Ensino Remoto Emergencial, tais como solidão, estresses, depressão, ansiedade, pânico, tristeza, raiva, saudades etc., uma vez que, durante este período,

se perdeu o aspecto comunitário desenvolvido nos ambientes escolares. Ou seja, diz respeito às preocupações sobre o estado psicológico que se abalou com a supressão da função integradora da escola.

Figura 1: Gráfico referente aos códigos em notícias selecionadas



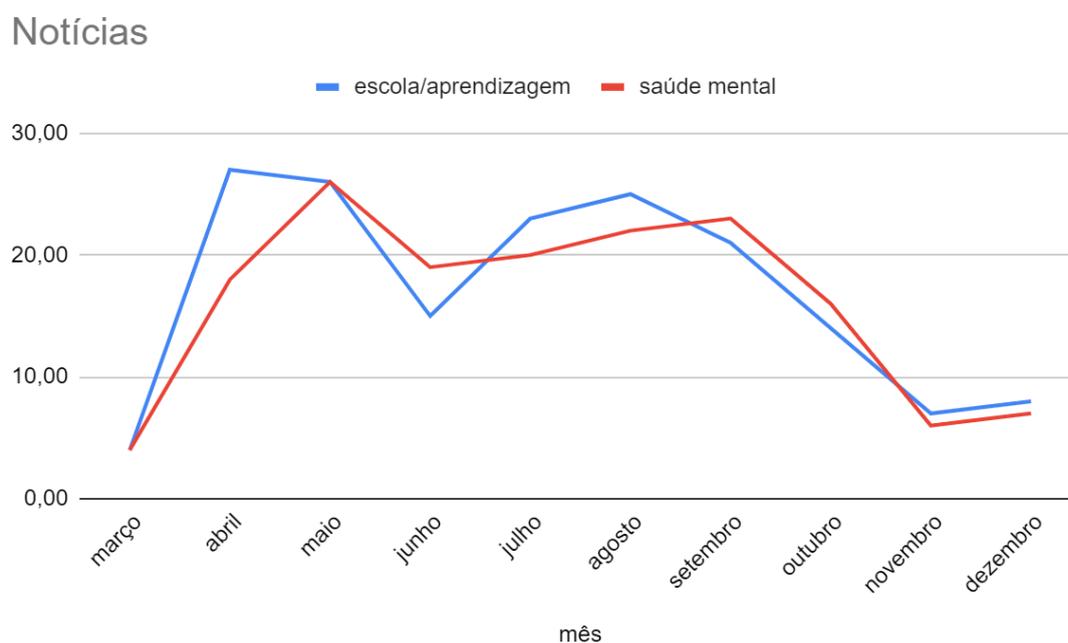
Fonte: elaboração da autora

Sendo assim, em nossa amostra de 209 ( $n = 209$ ), obtivemos 170 documentos de notícias analisadas com o código *Escola/Aprendizagem*, referentes a 81,3%, e 161 documentos de notícias com o código *Saúde Mental*, referentes a 77%. Os códigos selecionados foram atribuídos para um mesmo documento ou mais, ou seja, a maioria das notícias tratam de ambos os temas. Ainda assim, percebemos que *Escola/Aprendizagem* se sobressai e mostraremos a seguir (ver figura 3), com o gráfico de segmentos/fragmentos absolutos codificados com os mesmos códigos, que *Ensino/Aprendizagem* obteve mais ocorrência (457 fragmentos), enquanto *Saúde Mental* apresentou menor quantidade (396 fragmentos).

Para melhor compreensão, através do gráfico de linhas, veremos as mudanças que ocorreram ao longo dos meses com as notícias apresentadas pelo jornal, desde a primeira notícia sobre os temas, em março de 2020, até dezembro de 2020. Percebe-se que há uma associação entre os temas de *Saúde Mental* e *Escola/Aprendizagem* nas notícias, mas não apresentam relação de causa e efeito. Ao longo da pandemia, os temas apareceram paralelamente nas notícias, ao passo que conforme as notícias sobre *Escola/Aprendizagem* aumentavam ou diminuía, as notícias sobre *Saúde Mental* seguiam o mesmo padrão. A

hipótese inicial era de que seriam poucas as notícias veiculadas sobre *Saúde Mental*, mas este tema demonstrou sua importância ao longo da pandemia e esteve tão presente quanto as notícias sobre *Escola/Aprendizagem* e entendemos o discurso sobre *Saúde Mental* como uma forma de ocultar uma preocupação conteudista.

Figura 2: Gráfico de associação entre os temas escola/aprendizagem e saúde mental



Fonte: elaboração da autora

Temos, então, alguns pontos que nos chamam a atenção neste gráfico. Na primeira notícia selecionada para a análise, de 16 de março de 2020, já são levantados os temas *Saúde Mental* e *Escola/Aprendizagem*. Há argumentos como “(...) é uma tentativa de que os alunos não percam conteúdo por tanto tempo, devem ser encaradas como uma oportunidade de que se reforce o sentido de comunidade que as escolas devem ter. Isso não é pouco, diante de sensações de medo e de solidão que nos assolam a todos, e particularmente às crianças e adolescentes”<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo em que há a importância da perda de conteúdo, há a

7

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-mattos/2020/03/aulas-a-distancia-devem-proporcionar-nao-so-conteudo-mas-conforto-aos-alunos-em-tempos-de-isolamento.shtml>

preocupação com a solidão e a falta do senso comunitário. Enquanto a escola tem papel integrador que pretende preservar o aspecto comunitário, unir os indivíduos e manter o vínculo entre as crianças e os adolescentes, previne que esses indivíduos entrem em isolamento, enquanto, por outro lado, apresenta seu papel regulador cada vez mais exacerbado devido às cobranças de concursos educacionais e vestibulares, colocando-os em contexto de extrema competição e cansaço devido às rotinas extenuantes, em especial nas escolas particulares do país. De março a maio, houve uma preocupação maior para com o tema escola/aprendizagem se comparado com a saúde mental. Após esse período, percebemos um aumento na preocupação com a saúde mental dessas crianças e adolescentes, uma vez que eles têm outros prejuízos para além dos conteúdos escolares e que podem ser muito maiores devido à ausência de sociabilidade imposta pela pandemia.

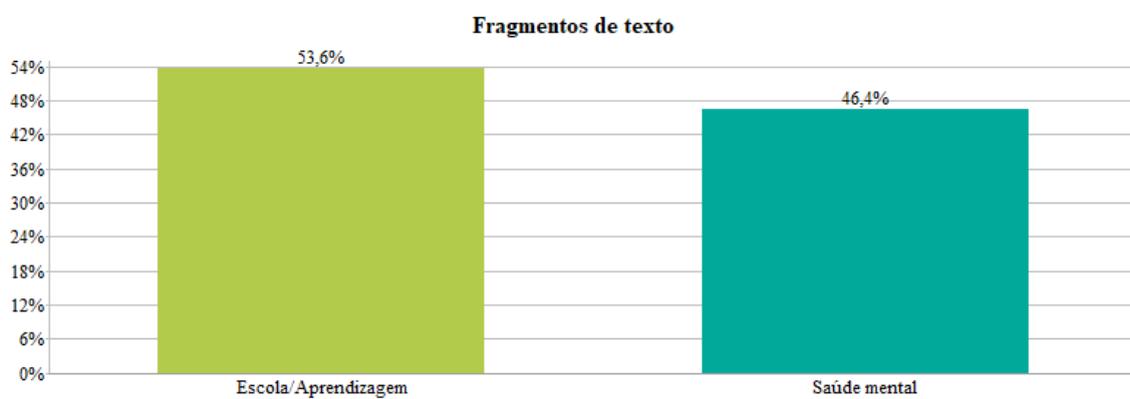
Sem integração e com a regulação desequilibrada, as cobranças em excesso permanecem e as e os estudantes estão sendo projetados para dois estados patológicos: o estado fatalista (pela exacerbação de exigências) e o estado egoísta (pela ausência de integração). No decorrer dos meses, se mantém a pouca alteração entre os temas. Nos chama a atenção a brusca queda de ambos e ainda se sobressai o tema sobre saúde mental nos meses de setembro, outubro e novembro. A hipótese levantada em relação à queda de notícias é que as atenções se voltaram para o grande debate político sobre as eleições de 2020, junto com o debate sobre a realização das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e dos vestibulares que ocorrem por todo o Brasil. Aí percebemos uma maior importância da saúde mental nas notícias veiculadas, uma vez que aumenta a atenção sobre a pressão e ansiedade destes concursos sobre as e os estudantes. Vimos, então, a escola como um ambiente em que as e os estudantes precisam estar preparados para a competição. Embora a escola devesse manter a sua força integradora e a força reguladora em equilíbrio, durante a pandemia, a primeira está ausente e a segunda se sobressai. A força reguladora se mantém com exigências excessivas para que as e os estudantes se preparem para o mercado de trabalho. Já a integração se inviabiliza com o isolamento. Sendo assim, o estado de egoísmo e de fatalismo acabam sendo potencializados durante o período de pandemia, uma vez que o elemento que poderia diminuir a intensidade desses fatores estressores está ausente. Bem como apontou Caponi e Daré (2020) em relação à competição imposta pelo neoliberalismo enquanto sujeitos do capital humano:

A construção desse modo de subjetivação próprio do neoliberalismo, a construção do capital humano, deve iniciar-se na primeira infância. Ali aparecem as primeiras exigências de eficácia, da autoavaliação, do investimento, de definir os planos e metas futuros, de estimular a competição entre pares. Sem pretender argumentar aqui que existe uma relação de causalidade entre neoliberalismo e diagnósticos psiquiátricos, acreditamos que é possível explorar as consequências subjetivas dessa nova pedagogia centrada nas competências e nas metas. É provável que, analisando o que ocorre no âmbito escolar, possamos descobrir que, para além de situações socialmente condenáveis, como o *bullying* ou o assédio entre pares, a própria existência de relações institucionalmente aceitas, centradas na lógica do empreendedorismo, da competição e da avaliação por competência, podem provocar profundos sofrimentos psíquicos nos estudantes e educadores (CAPONI & DARÉ, 2020, p. 315).

### 5.3 Fragmentos/segmentos de texto

Os fragmentos de texto são pedaços que foram extraídos do texto, ou seja, frases que tratam diretamente dos temas em análise e que podem estar presentes uma vez ou mais em apenas um documento. Das 81,3% (170 documentos) notícias que tratam sobre *Escola/Aprendizagem*, 457 fragmentos de texto foram ressaltados sobre o mesmo tema e é equivalente a 53,6% de todos os fragmentos textuais. Enquanto o tema *Saúde Mental*, presente em 77% de todas as notícias analisadas, foram selecionados 396 fragmentos de texto, equivalente a 46,4% do total, totalizando 853 fragmentos ressaltados, conforme apresentados abaixo na figura 3.

Figura 3: Gráfico de fragmentos de textos selecionados sobre os temas



Fonte: elaboração da autora

De março a maio, destacamos os fragmentos sobre *Escola/Aprendizagem* de maior relevância nas notícias veiculadas (ver figura 4), dentre eles, “as aulas a distância que já começam a ser ministradas para terem início na próxima semana (...), mais do que uma tentativa de que os alunos não percam conteúdo por tanto tempo”<sup>8</sup> e “professores tanto de escolas públicas quanto de particulares têm reservado tempo e empenho para assegurar que as perdas de aprendizagem não sejam grandes demais”<sup>9</sup> foram bastante comuns durante a análise das notícias.

Desde o início da análise, houve fragmentos como “o estado já pensa em um plano de recuperação para os alunos que ou não conseguiram assimilar todo o conteúdo ou que não assistiram às aulas remotas”<sup>10</sup> ou “em primeiro lugar, é preciso fazer uma ampla avaliação diagnóstica dos estudantes quando do retorno às aulas presenciais – saber o que cada um aprendeu e desenvolveu ao longo desses meses de pandemia, e dar maior assistência àqueles que tiveram baixo aproveitamento, ou até nenhum, das aprendizagens básicas esperadas”<sup>11</sup>, que demonstram a atenção, primeiramente, no nível de aprendizagem durante o período de Ensino Remoto Emergencial e não no adoecimento psíquico das e dos estudantes. Caponi e Daré (2020), ao discutirem sobre educação permanente e continuada, afirmam que essas preocupações são uma visão do capital humano como prática subjetiva do neoliberalismo que tem como propósito o investimento na capacidade individual, substituindo a reflexão e o pensamento crítico (p. 306), o que nos faz refletir sobre a criação do plano de recuperação e avaliação mencionadas nas notícias.

Esse investimento excede o campo educativo e se amplia para o âmbito dos valores desejados, dos comportamentos e das emoções consideradas imprescindíveis no mundo empresarial, como a inteligência emocional, a tolerância às adversidades, o controle de sintomas de ansiedade e depressão, a criatividade, o espírito concorrencial, entre tantos outros cotados pelo mercado. A educação, sob essa perspectiva, se transforma em um eixo condutor importante, capaz não só de viabilizar o desenvolvimento de capital humano, mas também de ajustar os

8

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-mattos/2020/03/aulas-a-distancia-devem-proporcionar-nao-so-conteudo-mas-conforto-aos-alunos-em-tempos-de-isolamento.shtml>

<sup>9</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudia-costin/2020/04/pais-e-educadores-frente-a-criancas-em-casa.shtml>

10

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/ensino-remoto-na-rede-publica-de-sp-estrela-com-duvidas-e-bagunca-virtual.shtml>

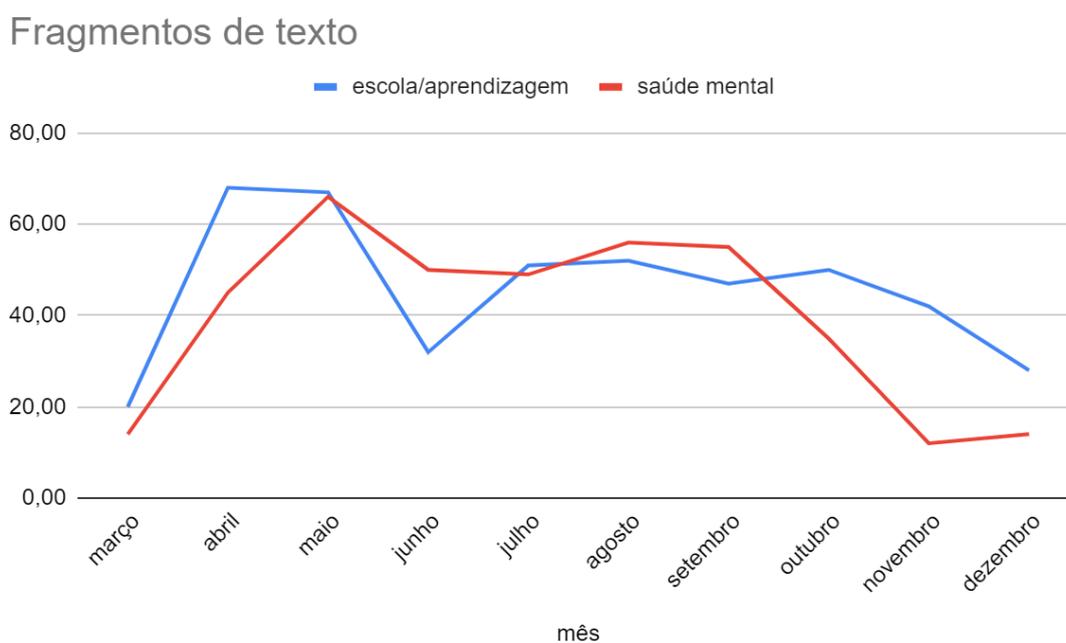
11

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/com-a-pandemia-os-alunos-da-rede-publica-deveriam-ser-aprovados-automaticamente-sim.shtml>

indivíduos para o consumo desse capital. Por esse motivo, o investimento em educação transformou-se na principal via para modificar as condições econômicas e sociais, tanto de cada indivíduo quanto de cada país (CAPONI & DARÉ, 2020).

Há essa contradição quando se menciona a volta às aulas presenciais: soa como uma valorização do aspecto comunitário presente no ambiente escolar quando pode ser uma preocupação com o ensino remoto emergencial, ou seja, exige-se a retomada das escolas visando ao ensino e à aprendizagem de conteúdos e não à sociabilidade, que é de extrema importância para o desenvolvimento de crianças e adolescente em processo de amadurecimento emocional. Também pode-se levar em consideração a necessidade de muitas famílias de retomarem aos trabalhos de modo presencial: não tendo mais com quem deixar os filhos, a escola torna-se a primeira opção.

Figura 4: Fragmentos de texto selecionados em notícias



Fonte: elaboração da autora

Nos meses de setembro, outubro e novembro, em relação aos documentos analisados apresentados na figura 2, percebemos uma queda em ambos os temas, mas vimos uma importância maior em relação à saúde mental. Em contrapartida, nos fragmentos extraídos

dos documentos, conforme figura 4, a queda do tema *Saúde Mental* é bastante significativa, enquanto o tema *Escola/Aprendizagem* se mantém. Tal queda, conforme já mencionado, ocorreu devido aos debates sobre a reabertura das escolas públicas e particulares, a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e dos vestibulares ao redor do país e também os debates políticos sobre as eleições de 2020. Entre acolher os estudantes, ou seja, protegê-los do estado de egoísmo (em linguagem durkheimiana), ou tentar mantê-los como bons competidores nos vestibulares e deslocá-los ao estado de fatalismo, as instituições optaram pela segunda opção. A Secretaria Estadual de Educação de São Paulo desenvolveu o “4ºano” do Ensino Médio, uma modalidade optativa desenvolvida para amenizar a defasagem de aprendizado exacerbado durante a pandemia com o intuito de “dar uma nova chance aos estudantes para que estejam mais preparados para prestar o Enem e vestibulares”<sup>12</sup>. Dizeres como “o que não podemos fazer é assistir parados enquanto jogamos fora o futuro das nossas crianças”<sup>13</sup> ou “não está em jogo o que pagamos de mensalidade, mas o futuro dos nossos filhos”<sup>14</sup> são comuns nos documentos. Com base nessas narrativas, é perceptível a preocupação com o futuro das e dos estudantes do nosso país, desde uma simples participação em aula ou até mesmo a evasão escolar. A modalidade de Ensino Remoto, ainda que emergencial, potencializa a figura do estudante como sujeito principal em seu processo de aprendizagem, passando a atuar como autônomo. Embora a figura do professor esteja presente – ainda que simbolicamente, muitas vezes –, essa autonomia e autodidatismo dos sujeitos expõe ainda mais o caráter neoliberal que a escola vem tomando, tornando os estudantes responsáveis pelas suas derrotas e conquistas. A responsabilização individual

Tornou-se uma técnica de construção de um “eu produtivo”, especialista em si mesmo, como resultado da interiorização de coerções, que transformam o sujeito em um “instrumento ótimo de seu próprio sucesso social e profissional”. Enquanto os sujeitos concorrem entre si, a liberdade é convertida no dever da alta performance, e as ações individuais e de autorresponsabilização tornam-se o ponto de referência para um mundo guiado pela concorrência. (CAPONI & DARÉ, 2020, p. 304).

A responsabilização individual fica clara em alguns fragmentos extraídos dos documentos analisados, ora exposta pelos próprios jornalistas, ora por entrevistados: “outro

<sup>12</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/11/novo-4o-ano-do-ensino-medio-em-sp-atrai-10-dos-alunos.shtml>

<sup>13</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/rodrigo-zeidan/2020/10/reabrem-as-escolas-publicas.shtml>

<sup>14</sup>

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-mattos/2020/10/escolas-cobram-conteudo-de-alunos-como-se-a-pandemia-nao-existisse.shtml>

adolescente (...) afirmou que sua motivação para o retorno foi pensar no vestibular, embora ainda esteja no segundo ano do ensino médio. Segundo ele, estudar por conta própria é difícil”<sup>15</sup>; “é uma oportunidade para que adolescentes desenvolvam mais autonomia e responsabilidade nos estudos. Devemos aproveitá-la”<sup>16</sup> ou “estou tentando correr atrás de conteúdo que venha a cair [no vestibular], já que há uma defasagem gigante no que eu poderia aprender”<sup>17</sup>.

Neste sentido, podemos dizer que a preocupação com a saúde mental mascara o receio de que se percam as grandes exigências escolares: é dever do aluno a sua responsabilidade para com os estudos na mesma medida em que deve carregar o fardo do seu fracasso ou regozijar o seu sucesso. Como apontaram Caponi e Daré (2020, p. 305), de acordo com o pensamento neoliberal, os indivíduos fracassam por não saberem administrar os segmentos de suas vidas e o seu fracasso é um resultado individual, e nunca é visto como resultado das transformações coletivas e sociais impostas pela lógica neoliberal que espalha a desproteção social e debilita os laços de solidariedade.

Enquanto nos meses de setembro, outubro e novembro as narrativas sobre escola e aprendizagem se mantiveram, a saúde mental apresentou queda (ver figura 4), embora a preocupação com a saúde mental apareça em algumas notícias, como por exemplo, “ninguém está pensando no aluno, que é o mais importante. O aluno está sofrendo, está doente. Tem depressão, falta de esperança. Levará décadas para recuperar isso”, afirma o empresário Chaim Zaher, dono do grupo SEB.<sup>18</sup> Ou “o impacto emocional desse confinamento sem fim é assustador e fica cada vez mais claro em pesquisas e em relatos de profissionais da saúde e de famílias. Crianças e jovens estão ansiosos, tristes, deprimidos. Em casos mais graves e não tão raros, têm síndrome do pânico e tendências suicidas. Mas, claro, vamos cobrar deles todas

---

15

<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/11/alunos-da-rede-estadual-de-sp-devem-fazer-avaliacao-presencial-no-dia-3.shtml>

16

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/de-aula-ao-vivo-a-grade-flexivel-escolas-privadas-diversificam-metodos-durante-pandemia.shtml>

17

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/ha-um-mes-em-casa-alunos-do-pais-vaio-das-classes-virtuais-ao-ocio-total.shtml>

<sup>18</sup> Grupo SEB é o Sistema de Ensino Brasileiro, que conta com a participação de mais de 550 instituições com ensino bilíngue em 30 países.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2020/09/e-um-absurdo-a-justica-do-trabalho-interferir-na-educacao-diz-empresario.shtml> .

as fórmulas decorebas de matemática, todos os poetas secundários do barroco e a conjunção do pretérito imperfeito do subjuntivo”<sup>19</sup>; houve também relato de estudantes sobre a importância da convivência entre as e os estudantes, evidenciando o papel integrador da escola: “Ela [estudante de uma escola estadual de São Paulo] também ficou ansiosa e triste com a situação [da pandemia], angustiada por perder o convívio com os professores, os amigos e toda a curtição da formatura, que não poderá ser realizada. Sem muito ânimo para estudar, sentiu-se estressada com a ideia de que não conseguirá entrar logo na faculdade”<sup>20</sup>. A preocupação com os conteúdos perdidos anda lado a lado com a preocupação com a saúde mental de cada uma e um, das socializações horizontais entre pares no espaço público escolar. A escola é integradora para as e os alunos bem como as instituições que Durkheim analisou: mantém a interação entre crianças e adolescentes, estão juntos nos intervalos de aulas, nos recreios, na entrada e saída dos períodos, dialogando entre si sobre as férias, sobre o final de semana, sobre novos jogos e passeios etc., promovendo o bem-estar. Os aspectos comunitários de preservação das e dos estudantes mencionados foi abolido pela pandemia e, na mesma intensidade, o aspecto neoliberal se manteve com as cobranças em presenças, tarefas, atividades e provas semanalmente, provando seu valor regulador que desencadeia sofrimento e angústias. Outro ponto que podemos ressaltar nos discursos apresentados, é em relação à abertura das escolas: a ânsia para que as escolas fossem reabertas também atenta à função integradora da escola, percebida por pais e jornalistas: a preocupação com a saúde mental dos estudantes, destituídos de contato social – distantes fisicamente e geograficamente do ambiente escolar –, se dá pela percepção de que a escola também é a instituição capaz de proteger os estudantes do estado de egoísmo.

Percebemos, então, a presença da dupla função escolar nas falas dos jornalistas. Ao mesmo tempo em que o neoliberalismo esteve exacerbadamente presente nas notícias, em número menor a ausência de sociabilidade também esteve presente. Embora entendamos que a grande preocupação tenha sido com relação à colocação no mercado de trabalho que estaria sendo prejudicada sem as exigências escolares regulares. A influência do mundo econômico e as pressões sociais recaem sobre a escola e sobre o que se espera das e dos estudantes, o que

---

19

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-mattos/2020/10/escolas-cobram-conteudo-de-alunos-como-se-a-pandemia-nao-existisse.shtml>

<sup>20</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/11/novo-4o-ano-do-ensino-medio-em-sp-atrai-10-dos-alunos.shtml>

aparentemente faz com que adoçam. Somado à falta de possibilidade de estarem juntas e juntos aos colegas e professores, desvaloriza-se, assim, o aspecto comunitário que é de extrema importância durante o período de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. O resultado é que se privilegia uma formação voltada para o mercado de trabalho e não para a cidadania.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a compreensão da maneira com que os setores da sociedade entendem o retorno às aulas, levando em consideração os déficits de aprendizado – que fariam com que as e os estudantes se tornassem competidores menos preparados para vestibulares e mercado de trabalho – ou os problemas emocionais desencadeados pela ausência de sociabilidade no ambiente escolar, percebemos a prevalência do viés neoliberal presente nos discursos e argumentos do jornal em análise. Inicialmente, pensávamos que os resultados seriam muito diferentes do que os números nos mostram: em primeiro lugar, apareceria a inquietação em relação às demandas escolares e, em segundo, a saúde mental. A preocupação com as demandas escolares e o desenvolvimento da aprendizagem efetivamente se mantiveram em primeiro lugar, contudo, os números que tratavam da saúde mental estiveram muito próximos e, no decorrer dos meses, ficaram acima das inquietações com as demandas escolares. Neste sentido, podemos considerar que a pandemia acabou trazendo essa outra questão que é a preocupação com o emocional das crianças e adolescentes no processo de ensino e aprendizagem. Não consideramos como um “lado positivo”, mas sim, uma faceta desencadeada pela Covid-19. Ou seja, a proximidade dos pais com seus filhos, com a escola, trouxe essa nova atenção e esse novo cuidado, que começaram subordinados a outras questões quando se escrevia sobre escola e pandemia na *Folha de São Paulo*, mas que ganhou seu espaço e movimentou conversas e estudos.

Sendo o neoliberalismo um sistema político e econômico, exerce sua influência em outros âmbitos da vida social como, por exemplo, na educação, visando à educação empresarial voltada para o desenvolvimento do indivíduo enquanto empreendedores de si e competidores. Tendo a pandemia exacerbado o sofrimento ocasionado pelo neoliberalismo, as reportagens apresentadas na *Folha de São Paulo* evidenciam que mesmo as crianças menores, que frequentam o jardim de infância, apresentaram dificuldade de concentração para assistir às aulas online. Com adolescentes de ensino médio, a pressão é ainda maior com atividades semanais, seminários e provas na mesma intensidade em que a aumenta a pressão para atingirem notas boas no ENEM e em vestibulares ao redor do Brasil. Em ambos os casos, o senso de coletividade se perdeu devido ao fechamento das escolas; crianças e adolescentes

afirmaram sentir saudades dos amigos e professores, das interações entre pares durante os intervalos e da figura do professor em sala de aula. Percebemos que entre a pressão escolar – que chamamos de força reguladora – e a ausência da sociabilidade entre estudantes-estudantes e estudantes-professores – que chamamos de força integradora –, a grande preocupação foi com a primeira.

Em nossa amostra de 209 documentos selecionados, os resultados foram de 81,3%, equivalente a 170 notícias sobre o tema *Escola/Aprendizagem* e 77%, equivalente a 161 notícias sobre o tema *Saúde Mental*, os códigos selecionados para a análise puderem ser atribuídos para um mesmo ou mais documentos de notícias que tratavam de ambos os temas concomitantemente. 853 fragmentos de texto foram ressaltados nas notícias, destes, 53,6% (457) referente ao tema *Escola/Aprendizagem* e 46,4% (396) referente ao tema *Saúde Mental*. Embora não haja relação de causa e efeito, consideramos a associação entre os temas analisados uma vez que, no decorrer da pandemia, os temas foram noticiados paralelamente: conforme as notícias sobre *Escola/Aprendizagem* diminuía ou aumentava, as notícias sobre *Saúde Mental* seguiam o mesmo padrão, com pouca oscilação. Nossa hipótese inicial nos direcionava a uma maior preocupação com as dificuldades de aprendizagem das e dos estudantes e questões relacionadas à abertura das escolas em período de pandemia, porém, a veiculação de informações e preocupação com a saúde mental das e dos estudantes se mostrou importante ao longo do período analisado. Através da teoria das correntes suicidógenas desenvolvida por Durkheim (2014 [1897]), em sua obra *O Suicídio*, observamos a presença da dupla função escolar que exerce seu papel integrador e regulador: a força integradora deveria exercer seu papel de integração social, de reconhecimento das crianças e adolescentes como pertencentes de uma comunidade. Argumentos como "saudades" e "sentir falta dos amigos e professores" estiveram presentes nos documentos analisados que abordavam o tema *Saúde Mental*. Esses argumentos podem ser considerados como "solidão" que, por sua vez, pode ser compreendido como outra maneira de dizer "estado de egoísmo". Já a força reguladora, que impede que o indivíduo caia na anomia, também não deve regular demais. A força reguladora são as exigências, cobranças, atividades que são de obrigação escolar e que estão cada vez mais neoliberalizadas e fundamentadas no empreendedorismo de si mesmo que gera a divisão competitiva entre pares. Entre as duas forças apresentadas, a pandemia suprimiu a função integradora e focalizou a função reguladora, desencadeando,

então, questões psíquicas relacionadas à saúde mental de estudantes em idade escolar, tais como aflição, ansiedade, depressão e entre outros.

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BARDIN, Laurance. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977. 230 p.

BEHAR, Patricia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **Jornal da Universidade - Ufrgs.** -, 06 jul. 2020. Disponível em: O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. Media Ownership Monitor (comp.). **Folha de S. Paulo**. 2019. Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/midia/detail/outlet/folha-de-s-paulo/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. LDB – Lei de Diretrizes e Bases. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 25 Mar. 2021.

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9057-25-maio-2017-784941-publicacaooriginal-152832-pe.html>. Acesso em 25 Mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.038, de 07 de dezembro de 2020**. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-1038-2020-12-07.pdf>. Acesso em 18 Mar. 2021.

CAPONI, Sandra; DARÉ, Patrícia Kozuchovski. **Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico: A Psiquiatrização dos Pадecimentos no Âmbito Escolar**. Mediações: Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 25, n. 2, p. 302-320, ago. 2020. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/39721>. Acesso em: 09 nov. 2021.

CORNING, Peter A. Durkheim and Spencer. **The British Journal Of Sociology**, Londres, v. 33, n. 3, p. 359-382, set. 1982.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Bahia, v. 2, n., p. 105-114, 2004.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **O Olho da História**, v. 22, p. 1-15, abr. 2016. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/04/dlneoliberalismo.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Edipro, 2012.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Edipro, 2014.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-516.

HERZLICH, Claudine *et al.* Uma Doença no Espaço Público:: a aids em seis jornais franceses. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 15, p. 71-101, 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000300005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000300005&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 16 mar. 2021.

LAVAL, Christian. Entrevista com Christian Laval: novo neoliberalismo, autoritarismo e os novos caminhos do sindicalismo. [Entrevista concedida a] Elisa Sanvicente. *Teoria Jurídica Contemporânea*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p. 318-336, 30 dez. 2019.

RIBAS, Marcella Trindade. **Problematizando o suicídio em Florianópolis**: taxas suicidógenas e fatores sociais. 2018. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do "ensino" remoto. **Universidade e Sociedade**: Pandemia da Covid-19: trabalho e saúde docente, Brasília, v. 67, p. 36-49, jan. 2021. Disponível em: [https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada\\_1609774477.pdf](https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

SOUZA, Joelson Carvalho *et al.* A influência das emoções no aprendizado de escolares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 101, n. 258, p. 382-403, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/WrmrbPH4J5nySswTBqCMKMR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

NUNES, Christiane Girard Ferreira; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Saúde mental pela perspectiva das ciências sociais. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 35, n. 1, p. 9-17, jan. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010001>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922020000100009&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922020000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 fev. 2021.

ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline B.; SORDI, Anne O.; KESSLER, Felix Henrique Paim. "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal Of Psychiatry**, [S.L.], v. 42, n. 3, p. 232-235, jun. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462020000300232&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462020000300232&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 fev. 2021.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. OPAS/OMS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população. Brasília (DF); 2016. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5263:opas-o-ms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839#:~:text=A%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial.aus%C3%A4ncia%20de%20doen%C3%A7a%20ou%20enfermidade%E2%80%9D](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-o-ms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839#:~:text=A%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial.aus%C3%A4ncia%20de%20doen%C3%A7a%20ou%20enfermidade%E2%80%9D). Acesso em: 18 mar. 2021.

PIMENTEL, Adelma; ARAÚJO, Lucivaldo da Silva. Concepção de criança na pós-modernidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, n. 2, p. 184-193, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Rf3PNw6ZhQQTZd67VpLgs8H/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 15 fev. 2022.

XIANG, Yu-Tao; YANG, Yuan; LI, Wen; ZHANG, Ling; ZHANG, Qinge; CHEUNG, Teris; NG, Chee H. Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. **The Lancet Psychiatry**, [S.L.], v. 7, n. 3, p. 228-229, abr. 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s2215-0366\(20\)30046-8](http://dx.doi.org/10.1016/s2215-0366(20)30046-8). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(20\)30046-8/fulltext#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(20)30046-8/fulltext#articleInformation). Acesso em: 02 fev. 2021.